ANTÔNIO CARRÉRA

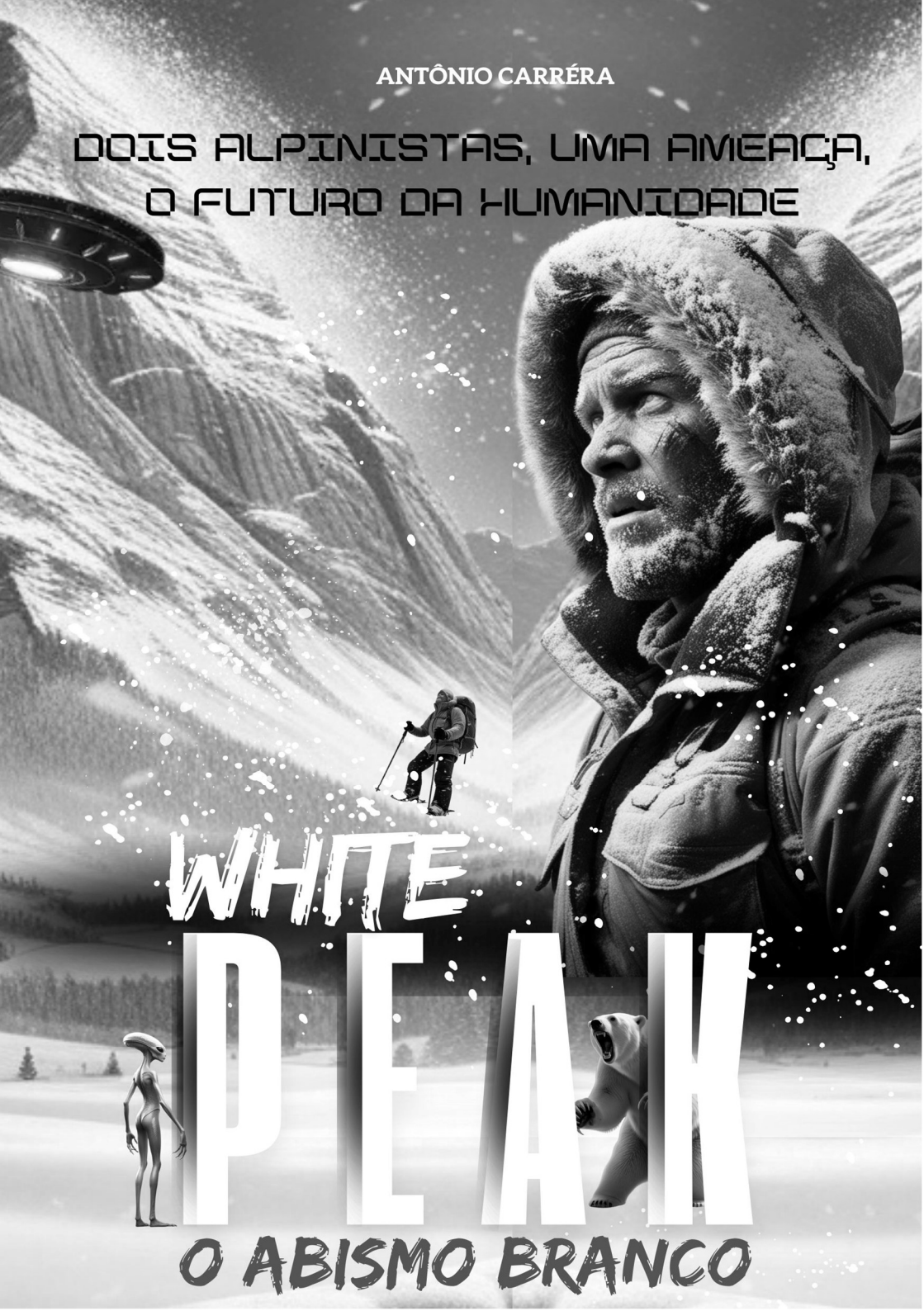
WHITE PEAK

O ABISMO BRANCO

ANTÔNIO CARRÉRA

ANTÔNIO CARRÉRA

DOIS ALPINISTAS, UMA AMEAÇA,
O FUTURO DA HUMANIDADE



WHITE PEAK

O ABISMO BRANCO

Copyright © 2025 by Antônio Carrera
Todos os direitos reservados ao autor. Vedada a produção, distribuição, comercialização ou cessão sem autorização do autor. Os direitos desta obra não foram cedidos.

Capa: Canva/Leonardo

Referência ABNT 6023:

CARRÉRA, Antônio. White peak**:o abismo branco**. [s.1.]: [s.n.], 2025.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C314w Carréra, Antônio.

White peak: o abismo branco / Antônio Carrera –

[s.1] : [s.n], 2025.

168 p.: 14.8X21 cm

ISBN:

.

1. Literatura brasileira. I. Título: white peak

CDD B869.1

:

"The greatest danger facing us is ourselves, an irrational fear of the unknown." *(O maior perigo que enfrentamos somos nós mesmos, um medo irracional do desconhecido).*

JAMES T. KIRK

Captain of the Starship Enterprise



ÍNDICE

O eremita do gelo 9
A luz azul 15
A decisão 23
Os primeiros obstáculos 35
Encontro com o desconhecido 41
A revelação 49
A travessia 57
O abismo 65
Rumo ao desconhecido 73
O guardião 81
A descoberta 89
A verdade sombria 95
A comunicação 101
O alienígena preso 109
O pedido de socorro 117
A chegada 125
Corrida contra o tempo 131
O sacrifício 141
A batalha final 149
O legado do gelo 157
Epílogo 165



O EREMITA DO GELO

O vento gelado soprava forte contra a cabana solitária, uivando entre as árvores cobertas de neve como um lamento interminável. Greg Morgan estava acostumado a esse som. Era a trilha sonora das suas noites insones, onde a solidão se arrastava como uma fera silenciosa, preenchendo cada canto daquele refúgio perdido nas montanhas do Alasca. Ele se sentou junto à lareira, onde o fogo crepitava suavemente, lançando sombras dançantes sobre as paredes de madeira rústica.

A fotografia de Maggie estava sobre a mesa ao lado de uma caneca fumegante de chá. Ele passou os dedos calejados sobre o vidro empoeirado, contornando o sorriso que um dia iluminara sua vida. O tempo não apagava a dor,

apenas a transformava em uma companheira constante, tal como o frio que jamais deixava seu corpo.

Antes, Greg levava uma vida completamente diferente. Morava em Seattle, trabalhava como engenheiro de software para motores de uma renomada marca de veículos e levava um ritmo acelerado de elaboração e conclusão de projetos inovadores, além de exaustivas e acaloradas reuniões na empresa. Mas tudo isso se tornou irrelevante no dia em que Maggie partiu. Ela era sua razão de viver, sua confidente e sua maior aventura. Apaixonaram-se em uma trilha no Parque Nacional Olympic, onde compartilharam sua primeira fogueira sob o céu estrelado. Desde então, haviam prometido um ao outro que nunca se afastariam da natureza.

Quando ela foi levada por uma avalanche, enterrada sob toneladas de neve impiedosa, Greg perdeu mais do que sua esposa. Perdeu o sentido de continuar. Ele poderia ter voltado para Seattle, recomeçado, afundado-se no trabalho e tentado esquecer. Mas como poderia seguir em frente longe do lugar onde Maggie descansava? Não. Ele precisava estar perto dela, sentir sua presença nas árvores cobertas de

gelo, ouvir sua risada nos ventos cortantes e vê-la em seus sonhos, onde ela sempre aparecia com o mesmo vestido azul e os cabelos soltos, dançando sob as estralas.

Viver ali não era fácil. A pesca e a caça garantiam sua sobrevivência, mas as leis de conservação impunham limites rigorosos. Ele respeitava a terra e os animais, caçando apenas quando não havia outra alternativa. No verão, preparava estoques de peixes e carnes secas para enfrentar os meses mais cruéis do inverno. Mas era nas noites longas e solitárias que o verdadeiro desafio começava.

Sentado na pequena varanda da cabana, envolto em camadas grossas de roupas, Greg contemplava o céu estrelado. A neve dançava acima das montanhas, um movimento pulsantes gerado pelos ventos contrários que sopravam com força e que o fazia prender a respiração. Quantas vezes ele e Maggie haviam admirado aquele espetáculo juntos? Greg fechou os olhos e se permitiu recordar.

"Você acredita que cada sopro do vento tem uma história, Greg?" Maggie sussurrava, deitada ao lado dele sobre a neve fofa.

"E qual seria a nossa?" ele perguntava, entrelaçando os dedos nos dela.

"A nossa luz nunca vai se apagar," ela respondia, sorrindo.

Agora, sozinho, Greg se perguntava se isso era verdade. Sua luz se apagava um pouco mais a cada dia, sugada pelo vazio que ela deixou. E, ainda assim, ele permanecia ali, no lugar onde ela repousava, como se a qualquer momento pudesse ouvi-la chamá-lo entre as árvores geladas.

O fogo estalou na lareira, trazendo-o de volta ao presente. Ele tomou um gole do chá e olhou para a mochila de expedição no canto da cabana. Sempre a mantinha pronta para emergências, mas raramente se afastava muito. Não havia mais nada a buscar lá fora. Ou ao menos era isso que pensava.

Naquela noite, algo mudaria. Algo que faria Greg sair de seu isolamento, enfrentar perigos inimagináveis e descobrir que o universo guardava segredos muito maiores do que ele poderia imaginar.

Ele ainda não sabia, mas seu destino estava prestes a ser traçado por uma luz azul que atravessaria o céu, despertando um chamado que ele não poderia ignorar.

ANTÔNIO CARRÉRA

2

A LUZ AZUL

O inverno estava em seu auge, e a cabana de Greg mal conseguia conter o frio cortante que tentava invadir cada fresta. O vento uivava lá fora com fúria, mas dentro da pequena cabana, o crepitar do fogo na lareira tentava manter o ambiente minimamente acolhedor. Mas nada poderia aquecer o vazio que Greg sentia em seu peito. Ele encheu um copo com Jack Daniels e tomou um gole lento, sentindo o calor da bebida espalhar-se pelo corpo, um consolo momentâneo contra o isolamento que o envolvia. Não era um hábito frequente, mas algumas noites exigiam um consolo líquido. A solidão era sua companhia constante desde que Maggie partira e, àquela altura, ele não sabia mais o que fazer com os dias que se

arrastavam. As lembranças dela eram um peso constante sobre seus ombros, e por mais que tentasse seguir em frente, o passado sempre o puxava de volta.

Ele olhou para o rádio empoeirado no canto da sala. Desde que decidira ficar, nunca mais o ligou. O mundo lá fora não lhe interessava mais. O som das notícias, as conversas sobre o que acontecia na cidade, as alegrias e tristezas das pessoas... tudo isso parecia irrelevante. Ele não se importava com mais nada. Só queria viver em paz, longe do turbilhão que sua vida havia se tornado depois de perder Maggie. Mas, aquela noite, o silêncio da cabana parecia mais opressor do que nunca.

Adormeceu em meio a lembranças de Maggie, vívidas como se fossem reais. Sentia o toque dela, a suavidade de sua pele, via o brilho de seus olhos enquanto riam juntos dentro da cabana, esquiavam lado a lado, atiravam neve um no outro. Eram memórias simples, mas que carregavam uma intensidade imensa. No sonho, ela o chamava com doçura, dizendo seu nome com a mesma leveza e alegria com que sempre fazia. Mas, como sempre acontecia, a imagem se desfez repentinamente. O som da voz de Maggie foi se